

O Príncipe da Paz nas trincheiras da guerra: celebração e religiosidade no natal de 1944 entre os soldados da FEB

Ana Amélia Gimenez Dias¹

Resumo: O Natal de 1944, celebrado entre os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, oferece um ponto de partida para a compreensão do papel da religião em tempos de guerra, quando a fé e a tradição se entrelaçam com as adversidades do campo de batalha. Este artigo analisa as práticas religiosas organizadas pelo Serviço de Assistência Religiosa (SAR) da FEB, mediadas por seus capelães, e investiga como a festividade natalina, simbolizada pela figura do “Príncipe da Paz”, ultrapassou o caráter litúrgico para se tornar um espaço simbólico de consolo e coesão. Utilizando o conceito de “dossel sagrado” de Peter Berger, a pesquisa reflete sobre como a religiosidade operou como uma estrutura de sentido, reforçando vínculos com o lar e solidariedade entre os combatentes. A análise baseia-se em fontes, como relatórios de capelães e depoimentos de soldados, que ilustram a complexidade dessa experiência coletiva e sua relevância cultural e simbólica.

Palavras-chave: Capelania Militar; Força Expedicionária Brasileira; Natal; Religiosidade; Segunda Guerra Mundial.

The Prince of Peace in the trenches of war: celebration and religiosity in the 1944 christmas among BEF soldiers

Abstract: The Christmas of 1944, celebrated among the soldiers of the Brazilian Expeditionary Force (BEF) during World War II, offers an entry point for understanding the role of religion in wartime, where faith and tradition intertwine with the adversities of the battlefield. This article examines the religious practices organized by the BEF’s Religious Assistance Service (RAS), mediated by its chaplains, and investigates how the Christmas celebration, symbolized by the figure of the “Prince of Peace”, transcended its liturgical character to become a symbolic space of comfort and cohesion. Using Peter Berger’s concept of the “sacred canopy”, the research reflects on how religiosity operated as a framework of meaning, reinforcing bonds with home and fostering solidarity among the soldiers. The analysis draws on sources such as chaplain reports and soldier testimonies, which illustrate the complexity of this collective experience and its cultural and symbolic significance.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Christmas; Military Chaplaincy; Religiosity; World War II.

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

Introdução

A celebração do Natal em tempos de guerra tem sido uma fonte recorrente de inspiração para diversas manifestações culturais ao longo do século XX. Uma expressão particularmente notável desse tema é o videoclipe de *Pipes of Peace*, primeira faixa de um álbum homônimo, lançado em 1983 por Paul McCartney, que rememora a trégua de Natal de 1914, quando soldados da Primeira Guerra Mundial deixaram temporariamente as trincheiras para confraternizar. Nele, o ex-integrante dos Beatles interpreta soldados dos lados opostos do *front*, ilustrando a breve suspensão da guerra para trocas de gestos simbólicos de paz e comunhão, em um intervalo que é abruptamente interrompido pelo retorno das hostilidades.

Distanciando-se dessa narrativa amplamente discutida e, por vezes, romantizada da trégua de Natal de 1914, o presente artigo propõe um exame aprofundado da celebração do Natal entre as tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, lançando luz sobre uma experiência única e pouco explorada nos estudos relacionados à campanha brasileira no Teatro de Operações Italiano. A análise aqui conduzida concentra-se na dimensão religiosa e simbólica do Natal vivido pelos soldados brasileiros no *front*, onde os desafios impostos pelo cenário bélico — como o isolamento, o enfrentamento direto com a morte e a ruptura com o cotidiano familiar — transformaram essa festividade em um evento de especial significância.

A investigação empreendida explora, sobretudo, o papel dos capelães militares da FEB e a atuação do Serviço de Assistência Religiosa (SAR), responsáveis pela manutenção e adaptação das práticas religiosas ao contexto de guerra. Esses capelães, sacerdotes católicos e pastores evangélicos enviados ao *front* para prover assistência espiritual às tropas, atuaram como intermediários entre o universo religioso dos soldados e a realidade brutal do conflito, organizando rituais e oferecendo suporte pastoral em meio a condições extremas. Os relatórios de atividades destes capelães lançam luz na compreensão a respeito de como essas práticas eram mobilizadas não apenas como elementos de rotina, mas também como um mecanismo de apoio e de sentido para os brasileiros que se encontravam em estado de constantes rupturas. Mais do que agentes de ritos religiosos, este artigo busca demonstrar que os capelães exerceram um papel de sustentação emocional, adaptando as celebrações natalinas para recriar uma conexão simbólica com o lar e com as tradições brasileiras.

Este estudo também adota como fundamento teórico a perspectiva de Peter Berger sobre o “dossel sagrado” e a construção social da realidade, oferecendo uma lente sociológica para compreender o impacto da religião como estrutura de sentido no *front* de batalha. Berger postula que a religião desempenha um papel essencial na estabilização da realidade social, especialmente em contextos de desordem e crise, criando um “dossel” que protege os indivíduos contra a desorientação e o vazio existencial. Nesse sentido, este artigo dialoga com as ciências da religião e com a sociologia da religião brasileira, a fim de se compreender de que maneira as celebrações natalinas articularam práticas litúrgicas, símbolos de fé e uma conexão com o “Príncipe da Paz”, figura central da teologia católica, em meio às adversidades de uma guerra que marcou profundamente o século XX.

A religiosidade e a campanha brasileira na Itália

A festividade do Natal constitui-se como a segunda celebração mais relevante na tradição da fé católica, situada logo após a Páscoa em termos de importância litúrgica. O ciclo natalino inicia-se no Advento, período de quatro semanas voltado à preparação espiritual para o

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

mistério da Encarnação, simbolizado na expressão “Deus Conosco”. Na teologia católica, o Natal é essencialmente a celebração do mistério de um Deus uno e trino que assume a natureza humana. O destaque desta festividade no calendário litúrgico católico é evidente em sua abrangente popularidade e significado, tanto no contexto da vida cotidiana quanto, de forma particular, em períodos de crise, como durante a Segunda Guerra Mundial. No caso específico dos integrantes da FEB, as celebrações natalinas são recorrentemente mencionadas em relatos de ex-combatentes, bem como nos registros dos capelães que acompanharam as tropas brasileiras no teatro de operações italiano.

Dessa forma, o estudo do Natal de 1944 não apenas revela como as práticas religiosas se manifestaram durante a campanha da FEB na Itália, mas também ilumina o papel social e simbólico que a religiosidade assumia no contexto de guerra. Vale ressaltar que, embora o Natal seja central neste estudo, ele não é analisado de forma isolada, mas sim entendido como uma ocasião que sintetiza os significados mais amplos da religiosidade no cotidiano da FEB. Compreender as motivações e os sentidos atribuídos ao Natal pelos combatentes e capelães é, portanto, uma forma de explorar o tecido social e religioso que os envolvia, isto é, suas crenças, práticas e medos. Nesse sentido, é válido iniciar este estudo partindo do seguinte questionamento: quem eram estes brasileiros que celebraram o mistério de “Deus Conosco” durante sua campanha no Teatro de Operações Italiano?

Para responder a essa indagação, é importante destacar que, em 26 de maio de 1944, o Decreto-Lei nº 6.535 formalizou a criação do SAR da FEB e deu início ao processo de mobilização, nomeação e preparação dos capelães que acompanhariam as tropas brasileiras na campanha da Itália.^{II} O Exército Brasileiro, até então, carecia de uma estrutura oficial para a assistência religiosa, já que, desde a Proclamação da República, o Corpo Eclesiástico do Exército havia sido dissolvido, deixando a organização militar sem regulamentação ou patentes específicas para capelães.^{III} Nesse contexto, a maioria dos padres e pastores selecionados possuía pouca ou nenhuma experiência no ambiente militar. De acordo com as fichas de serviço preservadas no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), muitos desses religiosos eram padres seculares ou pastores que atuavam em comunidades locais, e alguns acumulavam funções como docentes em seminários e colégios. Após o processo de seleção, 27 capelães foram designados para integrar o SAR da FEB. Destes, 25 eram sacerdotes católicos e 2 pastores evangélicos. Para compreender a distribuição de capelães de cada confissão, é fundamental analisar a proporção das diferentes religiões presentes entre os combatentes da FEB, evidenciada por seu número de praticantes.

Embora as fichas dos combatentes da FEB não registrassem explicitamente a religião dos soldados, o censo demográfico de 1940 fornece uma compreensão relevante sobre a composição religiosa da população brasileira na época. De acordo com este levantamento, 95,01% dos brasileiros identificavam-se como católicos, evidenciando uma ampla maioria. Os protestantes representavam 2,61%, enquanto um pequeno percentual (0,13%) de judeus, referidos como “israelitas”, também era identificado.^{IV} O censo em questão não categorizou explicitamente os praticantes de religiões afro-brasileiras e de matriz africana, mas, segundo Adriane Piovezan, há indícios de que esses grupos possam ter sido incluídos na categoria genérica “outros cultos” (1,7%).^V

Ainda a esse respeito, Adriane Piovezan argumenta que, apesar da falta de dados explícitos sobre a religião dos combatentes nas fichas da FEB, é possível inferir o credo dos soldados falecidos. A autora relata que os membros do Pelotão de Sepultamento usavam um formulário que contava com um campo específico para a religião do falecido, onde eram comumente anotadas as denominações “católico”, “evangélico” e “protestante”. De acordo com

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

os dados levantados por Piovezan, 97,95% dos brasileiros mortos em campanha, cujas fichas apresentam o credo religioso, professavam a fé católica, enquanto as confissões evangélica e protestante, sequer chegaram a somar, juntas, 1% dos mortos.^{VI} Esses números evidenciam a predominância do catolicismo entre os combatentes da FEB, reflexo do monopólio secular da fé católica no Brasil, que consolidou sua posição como a principal expressão religiosa da população. Essa hegemonia, inevitavelmente, ecoou na demanda espiritual do contingente militar, majoritariamente católico.^{VII}

Os aspectos analisados não apenas elucidam o perfil dos integrantes da FEB, mas também destacam o contexto vivenciado pelos combatentes, que, inseridos na desafiadora realidade da guerra, recorriam às celebrações conduzidas pelos capelães em busca de sacramentos e de assistência espiritual. Esse cotidiano religioso, contudo, só pode ser adequadamente compreendido à luz do cenário em que se desenrolava: uma vivência religiosa moldada pelas adversidades de um território estrangeiro e pelo impacto do conflito armado. Diante disso, surge a seguinte questão: enquanto esses brasileiros, muitos deles sem qualquer experiência prévia com armas, eram transformados em combatentes, como a vivência da guerra alterava suas relações com a fé? A demanda por atividades religiosas, conforme documentada nos relatórios dos capelães ao capelão-chefe ao longo dos meses de campanha, é um aspecto relevante para responder tal questionamento.

A documentação produzida pelo SAR da FEB evidencia um aumento significativo das atividades religiosas à medida que os combatentes se aproximavam de situações de perigo e da possibilidade de morte, como, por exemplo, às vésperas da partida para as linhas de frente. Este mesmo fenômeno também foi notado por Lyle W. Dorsett, em *Serving God and Country: United States Military Chaplains in World War II*^{VIII}. No contexto das tropas estadunidenses da Segunda Guerra Mundial, o autor explica que através dos relatórios mensais de um capelão evangélico, Gordon Cosby, foi possível perceber uma crescente na frequência de cultos de adoração e de estudos bíblicos em momentos em que invasões e combates eram iminentes: “Normalmente, durante esses tempos, os homens decidiam se acertar com Deus”.^{IX} Já Michael Snape, a esse mesmo respeito afirma que após analisar as práticas religiosas do Exército Britânico durante as duas guerras mundiais, em *God and the British Soldier: Religion and the British Army in the Era of the Two World Wars*^X, que não há maneira de contestar o aforismo relacionado Primeira Guerra Mundial de que não há ateus nas trincheiras, e pontua que “naturalmente, a véspera da batalha era uma época em que os sentimentos religiosos muitas vezes vinham à tona. Para muitos católicos romanos, era um momento de confissão e comunhão”.^{XI} A busca por sacramentos durante períodos de maior perigo revela um padrão significativo entre os combatentes da FEB, sugerindo que a iminência da morte catalisava uma reaproximação dos indivíduos com sua fé e práticas religiosas. A esse respeito, Adriane Piovezan destaca, “a proximidade ou iminência da morte tem, por si só, o efeito de levar os indivíduos a reforçarem – ou criarem – laços mais estreitos e intensos com o além e a vida religiosa, dada a alta probabilidade de virem a serem mortos ou feridos”.^{XII}

Essa tendência de busca espiritual em momentos de risco reflete uma constante humana de tentativa de encontrar sentido durante experiências de sofrimento e incerteza. Esse fenômeno é iluminado de forma robusta pelo arcabouço teórico desenvolvido por Peter Berger e Thomas Luckmann em *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*^{XIII} e, posteriormente, aprofundado por Berger, inspirado por Durkheim^{XIV} e Max Weber,^{XV} em *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*^{XVI}.

No processo descrito por Berger e Luckmann, a realidade é uma construção social que se desenvolve em três etapas interconectadas: externalização, objetivação e internalização: “É

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade^{XVII}. Esses estágios formam a base sobre a qual os indivíduos constroem seu entendimento do mundo, e as religiões, de acordo com Berger, fazem parte desse processo, funcionando como uma estrutura de sentido que confere estabilidade à realidade cotidiana. A religião, portanto, constitui uma “abóbada simbólica” — o “dossel sagrado” — que encapsula a existência humana, oferecendo um referencial simbólico e interpretativo que combate a anomia e o vazio de sentido, típicos de experiências de crise e sofrimento, como a vivenciada pelos soldados no *front*. Berger argumenta que a religião, ao organizar as crenças e práticas dentro de uma ordem sagrada, proporciona ao indivíduo uma realidade mais coerente e acessível.

A relevância do *dossel sagrado* reside em sua função de sustentar as chamadas “estruturas de plausibilidade”, aquelas que tornam as experiências individuais compreensíveis e dotadas de sentido, mesmo diante de contextos que rompem com as normas e expectativas do cotidiano. Nesse sentido, este artigo se propõe a investigar como essa “religião de trincheira”, reinterpretada à luz do conceito de Berger, moldou a vivência dos soldados brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, com especial atenção à celebração natalina no *front*.

Entre a neve, a guerra e saudade: o Natal de 1944 das tropas da FEB

A Luz brilhará hoje sobre nós, porque nos nasceu o Senhor. Seu nome é: Admirável, Deus, Príncipe da paz, Pai do futuro século, e seu Reino não terá fim.^{XVIII}

Extraído de um missal litúrgico — obra que regula a prática da liturgia católica em todo o mundo — publicado próximo ao período da Segunda Guerra Mundial, este excerto provavelmente foi lido pelos capelães católicos brasileiros durante as celebrações eucarísticas realizadas no *front* italiano. Nele, a figura do “Príncipe da Paz” emerge como um símbolo central, reiterado em um cenário que paradoxalmente representava o oposto dessas aspirações. Essa invocação de um Salvador nascido para trazer harmonia ao mundo, realizada em meio à destruição, à morte e ao caos de um conflito global, reflete uma tensão profunda. Para compreender como essa tensão entre o ideal de paz e a realidade da guerra foi vivenciada no Natal de 1944, este estudo se baseia em um conjunto de fontes, incluindo relatórios dos capelães militares preservados no AHEx e depoimentos de combatentes e correspondentes de guerra. Esses documentos ajudam a revelar como a celebração natalina foi realizada em meio ao teatro de operações italiano.

Distante das celebrações em solo brasileiro, o Natal de 1944 encontrou as tropas brasileiras em um momento decisivo para as Forças Aliadas. Em dezembro daquele ano, o comando da Divisão Brasileira recebeu a missão de tomar as elevações à sua frente, destacando-se entre elas o Monte Castelo, então controlado pelas forças alemãs. Como observa César Maximiano, essa posição “domina completamente a localidade de Porreta”.^{XIX} Entre as investidas realizadas pela FEB no final daquele ano, o ataque de 29 de novembro ao Monte Castelo se sobressai. Esse confronto não apenas evidencia o estágio da campanha da FEB na Itália, como também revela as difíceis condições em que se encontravam os soldados que, semanas depois, celebrariam o Natal. Para muitos brasileiros, essa investida representou a primeira grande experiência de combate, marcada por incertezas e desafios que se estenderiam até o fim da campanha.^{XX}

A esse respeito, comenta o capelão Jacob Emílio Schneider: “Audácia sem par, e bravura sem limites caracterizam este assalto [...] Combatentes mal adestrados por falta de

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

tempo, aspirados prematuramente para a frente [...], mas o tempo urgia e o *slogan* dos aliados era ‘Bolonha antes do Natal de 44’^{XXI}. Todavia, apesar da bravura por parte dos soldados, nas palavras de seu capelão, a investida ocorrida em 29 de novembro revelou-se infrutífera^{XXII}, resultando em um elevado número de baixas nas tropas brasileiras. Assim, enquanto os soldados se movimentavam nas linhas de frente, os capelães encontravam-se divididos entre os cuidados oferecidos aos hospitalizados e a assistência prestada àqueles que marchavam rumo ao combate.^{XXIII} Após a derrota no final de novembro, os brasileiros tentaram novamente tomar o Monte Castelo em 12 de dezembro de 1944, mais uma vez sem sucesso. Essas investidas consecutivas e malsucedidas levaram o comando aliado a abandonar o *slogan* “Bolonha antes do Natal”. De acordo com o capelão Pe. Jacob Emílio Schneider, os combates intensos e as sucessivas tentativas frustradas de tomar o Monte Castelo deixaram marcas profundas entre os soldados brasileiros, resultando, como ele aponta, em um “notável trauma psicológico”.^{XXIV}

Com a chegada iminente do inverno, as condições climáticas tornaram-se cada vez mais adversas, dificultando as operações e restringindo as atividades às patrulhas esparsas. O período entre 22 de dezembro de 1944 e fevereiro de 1945 foi então denominado “período de estabilização” pelo comando brasileiro. Nesse intervalo, o objetivo principal passou a ser a manutenção das posições conquistadas e a sua melhoria sempre que possível, em preparação para novas ofensivas.^{XXV} No que se refere a este período da campanha da FEB na Itália, um dos pontos mais comentados pelos brasileiros foi a intensidade do inverno. O Comandante de Pelotão da 1ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria, Cel. Carlos Augusto de Oliveira Lima comenta: “O dia 24 de dezembro amanheceu nevando. Foi a coisa mais linda que eu já vi na minha vida”.^{XXVI} Já Antônio dos Santos Silva, pertencente ao mesmo regimento, comenta a manhã do dia 24 de dezembro sob uma outra perspectiva: “Os uniformes que possuíamos não eram suficientes para o frio reinante, mas tínhamos muita roupa, vestíamos uma por cima da outra; o frio, em dezembro, dia de Natal e véspera de Natal, atingiu 18 graus abaixo de zero”,^{XXVII}

Sob uma espessa camada de neve, os combatentes da FEB se aproximavam da famosa madrugada do dia 24 de dezembro. Vale destacar que, embora a fase de estabilização estivesse em andamento, a guerra ainda não estava vencida — muitos brasileiros perderam a vida em patrulhas, inclusive na noite de Natal.^{XXVIII} Assim, os soldados enfrentavam um conflito que se desdobrava em duas frentes: a visível e a invisível. A guerra visível se revelava no campo de batalha, nas explosões, no fogo cruzado, na morte iminente que rondava os soldados, alterando profundamente sua relação com o mundo ao seu redor. A destruição não afetava apenas os espaços físicos — prédios, paisagens, cidades — mas também as mentes dos envolvidos. A transformação dos jovens brasileiros em combatentes era um processo irreversível, causado pela pressão contínua da guerra. Por outro lado, havia a guerra invisível, que não se manifestava nas batalhas, mas se fazia presente nas ausências, nos momentos silenciosos de introspecção. A falta da família e o distanciamento da terra natal e de toda a sua familiaridade constituía uma das batalhas incessantes enfrentadas pelos brasileiros — batalha que persistia até em momentos de relativa calma. A guerra que afligia os brasileiros era a guerra da frente italiana, mas também era a guerra da saudade.

O Natal de 1944 foi, portanto, celebrado em meio a uma profunda dualidade: de um lado, o temor da guerra visível, com seus perigos iminentes; de outro, a saudade gerada pela guerra invisível. Nesse panorama, a celebração natalina transcendeu o caráter de uma simples festividade religiosa, tornando-se um evento carregado de significados. A religiosidade, ainda que central nesta festividade, entrelaçava-se com outras dimensões da experiência de guerra, como o medo, a saudade e o luto pelas perdas. Nesse sentido, a análise aqui proposta se

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

debruça sobre as camadas de significado atribuídas ao Natal, identificadas durante a revisão da documentação mencionada anteriormente.

Em um programa gravado pelos *BBC Transcription Services*, Francis Charlton Hallawell, conhecido como “Chico da BBC”, correspondente que acompanhou a FEB durante sua campanha na Itália, inicia a transmissão de uma Carta de Natal, direcionada aos expedicionários brasileiros, já após o fim da guerra, com as seguintes palavras:

Hoje eu quero falar sobre aquele outro Natal, o Natal de 1944 que passamos juntos na Itália, Natal que passamos na neve e na guerra. As cartas chegavam com atraso e o frio medonho nos fazia sentir ainda mais sós. Uma única pergunta dominava as nossas conversas, você se lembra? Quando acabará a guerra?^{XXX}

A questão “quando acabará a guerra?”, apontada pelo correspondente, ressoava como uma inquietação persistente na mente de cada soldado. No mesmo programa transmitido pela BBC, são apresentadas entrevistas realizadas pelo correspondente com brasileiros em campanha no ano de 1944. Entre as mensagens transmitidas, destaca-se a fala do capelão-chefe da FEB, Pe. João Pheeny Silva, dirigida às famílias e amigos dos combatentes que os aguardavam no Brasil. Em sua mensagem de Natal, o capelão declara: “Mais do que nunca, acham se todos nesta noite, com seus pensamentos e afetos para vós voltados [...] Sabemos, pois, que a noite de Natal não é para nós apenas uma lembrança, uma saudade. Mas repetimos como canta a Santa Igreja: nasceu hoje para nós o Salvador”. O capelão-chefe pontua que, embora a saudade fosse intensa e inescapável, o rito natalino permaneceria no *front*. De fato, os relatórios dos capelães da FEB descrevem detalhadamente como foram realizadas as celebrações eucarísticas e litúrgicas durante o Natal de 1944. Contudo, as práticas religiosas constituem apenas uma das camadas de significado associadas a essa festividade.

O Natal, tradicionalmente celebrado em família, ao redor de uma mesa compartilhada, carregava uma carga especialmente dolorosa para os soldados brasileiros, que estavam longe de seus lares e de seus entes queridos. Essa carga é ilustrada em uma conversa entre o correspondente de guerra e um soldado. Ao ser questionado por Chico sobre onde estariam seus pensamentos naquele Natal, o soldado Félix respondeu de forma simples e direta: “no Brasil, na casa da minha família”.^{XXX} Essa resposta evidencia uma dimensão central do Natal vivido pelos combatentes: a saudade e o desejo de se reconectar, mesmo que simbolicamente, com o lar e a rotina familiar que a guerra havia rompido.

Dentro desse contexto, é importante destacar que o comando de algumas unidades, em colaboração com o SAR da FEB, empenhou-se em organizar, conforme relatado pelo Sarg. Abel Lima, “o melhor Natal possível dentro do contexto da guerra”.^{XXXI} Essa afirmação revela uma camada significativa do Natal de 1944: a tentativa de uma reconstrução simbólica do lar, que entrelaçava religiosidade e familiaridade. Essa conexão com o lar e com a família, ausentes, mas nunca esquecidos, permeava não apenas os pensamentos dos combatentes, mas também as iniciativas de celebração no *front*.

Um aspecto particularmente significativo desse esforço de recriação simbólica foi a ceia natalina. Em uma das cozinhas improvisadas nos acampamentos da FEB, o sargento Abel Lima descreveu ao correspondente Chico da BBC o cardápio especialmente preparado para os soldados: “Como o senhor está vendo, temos aí o ravioli, o peru assado à brasileira, já aguçando o apetite da gente. Pastéis, rabanada, castanhas, e tudo isso será regado com um bom vinho italiano”.^{XXXII} O sargento comenta que todos os acampamentos da FEB teriam o mesmo cardápio, já que as provisões eram distribuídas de forma padronizada. Esse esforço revela-se como uma tentativa de manter aspectos familiares e culturais em um contexto de intensas

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

rupturas, como o *front* de batalha. Nesse sentido, elementos simples, como um prato típico, adquiriram significados que transcendiam a tradição, tornando-se partes integrantes de um esforço para conferir plausibilidade à experiência em meio à anomia.

A celebração do Natal no *front*, portanto, não se limitava a práticas religiosas; ela assumia um caráter profundamente afetivo e cultural. Nesse sentido, a atuação dos capelães da FEB foi central. Mais do que agentes de rituais litúrgicos, esses sacerdotes tornaram-se intermediários entre a dureza do combate e a tentativa de manter vivas as tradições de uma vida antes da guerra.

O capelão Francisco Amarílio, em seu relatório relativo ao mês de dezembro de 1944, revela esse esforço: “Aproximando-se a festa do Santo Natal, procurei fazer o que estivesse ao meu alcance, além de celebrá-la, quanto possível, nos moldes da tradição pátria”.^{XXXIII} Entre suas iniciativas, destaca-se a organização de um novenário, acompanhado com devoção pelos combatentes, e a montagem de um presépio ambulante que percorreu diversas unidades.^{XXXIV} Em suas ações, Pe. Amarílio se empenhava em reconstituir uma tradição profundamente enraizada na cultura brasileira. Ao organizar a montagem de um presépio, por exemplo, ele trazia à Itália não apenas um ritual religioso popular, mas a evocação de memórias e práticas familiares associadas ao Natal vivido no Brasil. Assim, Pe. Amarílio plantava, no terreno árido da guerra, as sementes de uma tradição que, embora fisicamente distante, começava a florescer no *front*.

Outros capelães, como Pe. Noé Pereira^{XXXV} e Frei Orlando^{XXXVI}, também contribuíram para essa reconstrução simbólica do lar, detalhando aspectos adicionais das festividades, como a decoração dos espaços e a montagem de um presépio no hospital de Pistóia. Além disso, a missa da meia-noite serviu como um espelho das práticas tradicionais vividas no Brasil. Ademais, outros símbolos típicos do Natal, como a árvore enfeitada, também marcaram as festividades. O capelão evangélico pastor Juvenal Ernesto da Silva pontua: “comemoramos o Natal de Cristo com um programa especial. A árvore esteve tão bem enfeitada quanto possível em um *front* de guerra”.^{XXXVII} Essa simples menção à árvore de Natal carrega uma potência semântica profunda. Em meio ao caos da Segunda Guerra Mundial, uma árvore decorada tornava-se um símbolo de algo reconhecível, mais próximo do lar, a milhares de quilômetros de distância, do que da guerra que se desenrolava diante dos olhos dos combatentes.^{XXXVIII} Essas ações, semelhantes em seu propósito, revelam um esforço coletivo dos capelães em criar um ambiente o mais confortável possível para os brasileiros que se encontravam em campanha.

A resposta dos soldados a essas práticas era intensa. O capelão Pe. João Barbalho, ao observar o elevado número de comunhões distribuídas durante as preparações para o Natal, sublinha o entusiasmo dos combatentes nos cânticos.^{XXXIX} O mesmo soldado que, dias antes, enfrentava a realidade crua do combate, agora se entregava com fervor a uma celebração de fé. A esse respeito, escreve o capelão Pe. Jorge Brito:

Os padioleiros genuflexos ouviam a Missa do Galo. Daqueles peitos rudes de bravos estourando de comoção saía muito desafinada a baixinha e terna melodia do “Noite Feliz! Oh, Jesus, Deus da Luz! Quão afável é teu coração, Que quiseste nascer nosso irmão. E a nós todos salvar, e a nós todos salvar!”^{XL}

A canção, por muitas vezes cantada em outros natais, mais felizes e seguros, foi entoada no coração da guerra. Ademais, a supracitada carta de Natal, transmitida pela BBC, também faz referência às canções que marcaram essa festividade no ano de 1944. Em uma conversa com o correspondente Chico no quartel general recuado da FEB em Pistóia, o Major Saldanha da Gama expressa com profundidade o papel da música nesse contexto: “As canções

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

falam melhor do que quaisquer palavras, são a nossa saudade e a nossa esperança de voltar. [...] São o amor à esposa, à mãe e aos filhos, a todos aqueles a quem deixamos e por quem lutamos [...] A música brasileira nos unirá através dos mares e continentes.”^{XLII} Estas palavras demonstram como a música se tornou um fio condutor entre os combatentes e suas origens, preservando o vínculo com o Brasil e suas raízes. Após mostrar alguns dos preparativos para o Natal dos expedicionários, o Major levou Chico até o alojamento dos músicos da FEB, onde foi registrado o canto da canção *As Pastorinhas* de Noel Rosa. As vozes dos soldados, gravadas naquele momento, permanecem acessíveis até os dias de hoje, ecoando, passados 80 anos, os “lindos versos de amor” que os combatentes brasileiros entoaram durante a Segunda Guerra Mundial.^{XLIII}

Ademais, no hospital de campanha em Pistóia, o capelão Pe. Hipólito Pedrosa descreve em seu relatório como as festividades foram organizadas para os brasileiros que se encontravam hospitalizados. O capelão relata ter realizado visitas a cada enfermaria, distribuindo itens como cigarros, fósforos, pastas de dente, livros de oração e terços aos seus companheiros combatentes. Adicionalmente, o capelão relata a chegada de presentes enviados de Recife, distribuídos entre as companhias. Ele comenta: “Não foi esquecida esta parte do Serviço Religioso, pois escrevi para Pernambuco pedindo donativos em lâ e presentes, para que o Natal no *front* não passasse em brancas nuvens”.^{XLIV} Nesse contexto, destaca-se também a atuação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que coordenou a chegada de doações de presentes para os soldados.^{XLV}

O relato a seguir, fornecido por Joaquim Silveira, acrescenta aos anteriormente mencionados, descrevendo em detalhes como as festividades do nascimento de Jesus se desenrolaram, a partir do ponto de vista de um combatente:

Natal de 1944 foi passado com a saudade nos atormentando o coração. Pela manhã foi celebrada missa em todo o Regimento e à noite as Companhias realizaram solenidades simples aproveitando-se a ocasião para fazer a distribuição dos objetos enviados. O pensamento, esta magna concepção criadora, atravessava célere o espaço e nos punha em contato com a nossa terra onde fenômeno idêntico se passava. Revíamos os nossos lares, os entes amados, os amigos e os olhos transformavam-se insensivelmente em fontes sinceras de lágrimas puras como o aljôfar da madrugada. E nesse ambiente de fé e civilidade transcorreu longe do aconchego sagrado da família a data magna cristã - o dia de Natal.^{XLVI}

O relato de Joaquim Silveira revela a profundidade dessa saudade, que permeava a experiência dos soldados durante o Natal de 1944. A expressão “aljôfar da madrugada”, utilizada para descrever as lágrimas dos soldados, é uma metáfora poética que revela a complexidade emocional desses combatentes. Não eram apenas homens armados enfrentando os horrores da guerra; eram também filhos, irmãos, esposos e pais, carregando consigo os vínculos afetivos que os definiam em tempos de paz. Essa humanidade, frequentemente ocultada pelo contexto bélico, encontrava nos rituais natalinos um espaço de resgate, onde a lembrança do lar se tornava mais palpável. O Natal de 1944, como apontam os relatos, foi essencialmente um “Natal da saudade”. Mais do que uma data religiosa, ele representava um momento em que os soldados lidavam simultaneamente com a ausência e a memória, projetando suas emoções para além do *front*. Nesse contexto, a saudade não era apenas uma emoção passiva, mas um elemento central da experiência de guerra, que, por sua vez, não foi capaz de romper completamente a conexão entre os soldados na Itália e seu vínculo com o Brasil, que, a quilômetros de distância, era o lar daquilo que, antes da guerra, denotava sentido

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

a sua realidade. Além disso, o registro fotográfico que se segue ilustra de maneira clara e significativa a discussão proposta neste estudo:

Imagem 1. Visitação da imagem do Menino Jesus ao Hospital de campanha



Fonte: Cortesia de Adriane Piovezan.

A fotografia imortaliza um momento no qual o capelão, vestindo indumentária quase indistinguível da dos combatentes — exceto pela cruz branca bordada na gola — apresenta a imagem do Menino Jesus a um soldado ferido. O ato em si, isto é, a apresentação da imagem do Menino Jesus, embora significativo, talvez não seja o elemento que melhor sintetize o papel central desempenhado pelos capelães, e, a rigor, pela religiosidade, no contexto da FEB. O detalhe que mais encapsula essa dinâmica não está na figura do capelão ou em sua ação, mas no sorriso do soldado ferido, direcionado exclusivamente ao Menino Jesus. O olhar do combatente não repousa no capelão, nos companheiros ao redor ou na enfermeira que acompanha a cena; ele está completamente absorto na imagem do Menino-Deus. A ternura de sua expressão, amplificada pelo contexto de sua condição — ferido em um hospital de campanha na noite de Natal — ressalta a profundidade do momento.

Essa conexão visual e emocional entre o combatente e a figura do Menino Jesus capturou a atenção do capelão Pe. Joaquim Dourado, que a narrou em sua autobiografia. Sobre essa cena, o capelão escreveu:

O informe fez-me lembrar a extraordinária façanha daquele rapazinho de vinte anos, filho de japonês, nascido em São Paulo. Vi-o, dia de Natal, no hospital 16, em Pistóia. Trouxera o Padre do hospital, aos doentes, àquela noite, uma linda imagem do Menino-Deus. O japonêsinho pediu que lhe trouxesse ao leito a figura do menino, beijou-a sorrindo, de olhos enxutos. Parecia todo banhado de felicidade. Ninguém sabe em que pensava. Que sonho sentia. Que vozes ouvia. Só era senhor de seu íntimo segredo.^{XLVI}

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

O pedido do jovem combatente para que lhe trouxessem a imagem do Menino Jesus e o gesto de beijá-la sorrindo ilustram de forma tangível o papel que Peter Berger atribui à religiosidade em contextos de anomia. A fotografia, portanto, vai além de registrar um ato isolado: ela captura a dimensão emocional e espiritual desse encontro, no qual o sagrado se torna acessível. Naquele instante, o Menino Jesus simbolizava muito mais do que um elemento da imaginária sacra católica: ele condensava memórias de uma vida anterior, a presença distante do lar e a promessa de continuidade em meio ao colapso das certezas.

Por fim, a respeito da festividade de Deus Conosco em plena campanha da FEB, o Capelão Pe. Jorge Brito escreve:

Quantas preces assim, cheias de saudade e de confiança, não terá Deus ouvido na Noite Santa! Os mesmos sentimentos expressou em todas as línguas, das maneiras as mais diversas. Todos pedindo a saúde e a vitória dos seus. Na capelinha de Poggio, coberta de neve, sepultada na neve, escondida nas dobras dos Apeninos [...] o capelão que rezava a missa pouco pode falar. Não era preciso. Numa hora solene dessas, em que todos sentem a mesma coisa, qualquer palavra é desnecessária. A gente se compreende melhor em silêncio. [...] A segunda missa foi no Hospital de Campo 32. Não houve canto. Os feridos choravam só em se lembrar que aquela era a Missa do Galo. Depois da missa, distribuição de presentes. Os médicos, as enfermeiras e o capelão se cotizaram e compraram o que havia de bom e de bonito para eles, os feridos. E o papai Noel veio em plena guerra visitar seus filhinhos, rasgados pela metralha, machucados pelas explosões, dissecados pelo frio daquelas geleiras sem fim, para trazer-lhes um pouquinho de alegria. A terceira missa foi rezada na Via Mazzini, número catorze e, em Porreta Terme, defronte a um presépio conseguido figura por figura, em Pistola. -Está bonito nosso presepe Capelão? -Está. Foi feito por vocês. Que é que vocês não fazem bem? Dezenas e dezenas de homens receberam aquela noite o Pão dos Fortes, a Santa Comunhão, para unidos a seu Deus serem mais fortes, mais puros, mais dignos da Vitória. Pediram muito a Jesus Infante que consolasse os de casa lá no Brasil para que também eles tivessem um Natal feliz.^{XLVII}

O trecho do Capelão Pe. Jorge Brito revela a complexa interação entre fé e as circunstâncias extremas geradas pela guerra. A narrativa do capelão, imersa em uma atmosfera religiosa, é também dotada de uma dimensão simbólica profunda. Através de seu relato acerca da Missa do Galo — uma das mais famosas no catolicismo —, é possível notar o conceito de “dossel sagrado” de Peter Berger nas entrelinhas: o que envolvia os soldados na capelinha coberta de neve, nas montanhas dos Apeninos, era, para além de uma prática tradicional religiosa, uma verdadeira tentativa de ordenar, naquele espaço temporário e efêmero, suas experiências coletivas e individuais durante a campanha. Nesse sentido, a capelinha afundada na neve apresenta-se, portanto, maior que suas paredes, pois torna-se uma estrutura de plausibilidade e de continuidade. Nesse sentido, portanto, é possível perceber que o Natal emergiu como um espaço simbólico, onde fé, tradição, medo e saudade se mesclavam e tal fusão de sentimentos, muitas vezes, materializava-se nas lágrimas dos combatentes, que, enquanto enfrentavam a brutalidade nazista, celebravam a natividade de Jesus — alguns, pela última vez.

Entre o capelão que buscava o que havia de “bom e bonito” para presentear os soldados, preocupado em garantir que até mesmo o Papai Noel visitasse os *foxholes* congelados; os padioleiros, que tantas vezes carregaram companheiros tombados ou feridos, entoando *Noite Feliz* em uma capela coberta de neve; e as cozinhas dos acampamentos, onde o cardápio foi cuidadosamente preparado para a noite santa na cristandade, nota-se a potência do rito como um espaço de acolhimento espiritual. O conceito de “dossel sagrado” aqui se manifesta nas

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

celebrações natalinas, revelando-se na tentativa de reconstrução e reconexão com um lar que, devido à guerra, encontrava-se a um oceano de distância. Esse Natal representava um fragmento de casa em meio ao caos do conflito, proporcionando não apenas a manutenção de uma tradição, mas a continuidade de algo seguro e familiar. Era uma âncora simbólica no vasto oceano de incertezas que os combatentes da Segunda Guerra Mundial enfrentavam a cada amanhecer, oferecendo-lhes um vislumbre de estabilidade e sentido em um horizonte marcado pelo desconhecido e pelo temido desenrolar do dia seguinte.

Conclusão

A celebração do Natal de 1944 entre os soldados da Força Expedicionária Brasileira no *front* italiano emerge, na análise aqui proposta, como um exemplo das contradições da experiência humana em tempos de guerra. Mais do que um rito litúrgico ou uma manifestação cultural isolada, o Natal foi um espaço simbólico onde fé, memória e familiaridade se encontraram em um cenário que parecia continuamente desintegrar essas mesmas forças. Baseado na teoria do “dossel sagrado” de Peter Berger, este estudo revelou como a religiosidade, ao florescer em meio ao caos da guerra, se tornou um elemento estruturante crucial, oferecendo aos combatentes uma narrativa que os reconectava a uma ordem simbólica maior e mais duradoura. O nascimento do “Príncipe da Paz”, celebrado sob o rigoroso frio e a incerteza da campanha militar, ressoou como um ato paradoxal: em um contexto de violência e morte, a festividade projetava um horizonte de sentido que transcendia as preocupações imediatas e desesperadoras da batalha.

Os capelães militares da FEB desempenharam um papel central nesse processo, não apenas como ministros da fé, mas como mediadores de uma conexão mais ampla entre o passado familiar e o presente caótico do *front*. Sob as condições mais adversas, sua atuação reinterpretou a religiosidade, adaptando práticas e rituais para dialogar diretamente com os desafios emocionais e espirituais dos combatentes. A montagem de presépios, as missas celebradas sob a neve e as ceias cuidadosamente planejadas pelo comando de algumas unidades foram gestos que resgataram elementos do cotidiano pré-guerra, evocando um sentimento de continuidade e de pertencimento que desafiava a anomia do conflito.

Contudo, o Natal de 1944 não pode ser compreendido apenas como uma reafirmação de tradições ou um exercício de resiliência coletiva. Ele foi também um momento profundamente ambíguo, marcado por tensões entre a esperança e a saudade, entre a vida que os soldados deixaram para trás e a realidade que enfrentavam. Se, por um lado, as celebrações conectavam os combatentes a uma ideia de lar e estabilidade, por outro, elas amplificavam a consciência de sua separação e da precariedade de seu próprio futuro. Essa dualidade reflete a complexidade da experiência humana em tempos de guerra, em que os momentos que tendiam a uma continuidade coexistem com sentimentos de perda e vulnerabilidade.

Em última instância, as celebrações natalinas dos soldados da FEB ilustram como, mesmo nos cenários mais extremos, o simbólico e o sagrado podem ser mobilizados contra as forças destrutivas do conflito. Mais do que uma assistência, ou um serviço secundário, o “religioso” participou da guerra, ao se mesclar diretamente com a batalha invisível que cada soldado combatia.

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

Notas

I Doutoranda e mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Este artigo é derivado da pesquisa desenvolvida no mestrado, realizada com financiamento da CAPES e do Programa de Bolsas de Pós-Graduação (PBPG) da UFJF. E-mail: anaameliagimenezdias@gmail.com.

^{II}O Decreto-lei nº 6.535 encontra-se disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6535-26-maio-1944-451974-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em setembro de 2024.

^{III}PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)**. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014, p.51-52.

^{IV}Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1º de setembro de 1940. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em setembro de 2024.

^VPIOVEZAN, *Op. Cit.*, p.78

^{VI}PIOVEZAN, *Op. Cit.*, p.79.

^{VII}Alguns relatos de integrantes da FEB, como o do biógrafo do capelão Frei Orlando, Gentil Palhares, ilustram a complexidade religiosa vivida no cotidiano militar, uma dimensão que não se reflete plenamente na uniformidade estatística registrada pelo Pelotão de Sepultamento. Palhares, que se autodenominava espiritualista, descreve vigílias noturnas marcadas por debates filosófico-religiosos conduzidos em um clima de respeito mútuo: “Cada um expunha francamente, seus modos de ver, suas convicções, sua interpretação desse ou daquele assunto [...] Nosso Capelão possuía a fé inabalável na sua concepção de chegar até Deus, pelos caminhos do catolicismo. Inarredável fé. E nós, espiritualistas, seguindo estradas opostas, embora visando o mesmo alvo, mantínhamos irreduzível, o nosso pensamento em torno das coisas celestiais. Era recíproco o respeito.” (PALHARES, 1969, p. 127). Esse relato evidencia que, embora o catolicismo fosse predominante entre os soldados da FEB, outras formas de espiritualidade também coexistiam. Ademais, no que diz respeito à própria prática católica, deve-se considerar a pluralidade interna dessa religião, algo que é crucial ao se analisar o contexto brasileiro. Maria Isaura de Queiroz aponta que, desde o período colonial, coexistem pelo menos dois tipos distintos de catolicismo no Brasil: o catolicismo oficial, ligado à Igreja e à instrução religiosa formal, e o catolicismo popular, mais flexível e adaptado à realidade das camadas populares (DE QUEIROZ, 1968, p. 105). Essa dualidade, que se reflete em diferentes formas de vivência religiosa, torna desafiadora qualquer tentativa de categorizar a adesão a uma vertente ou outra, tanto no caso da FEB quanto em relação à sociedade brasileira de maneira mais ampla. Para mais detalhes, ver: BASTIDE, Roger. **Religion and the Church in Brazil**. New York: The Dryden Press, 1951; DE AZEVEDO, Thales. Catholicism in Brazil: a personal evaluation. **Thought: Fordham University Quarterly**, v. 28, n. 2, p. 253-274, 1953; NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23, p. 261-279, 2008; HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974; HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período colonial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

^{VIII}DORSETT, Lyle W. **Serving god and country: United States military chaplains in World War II**. Penguin, 2012.

^{IX}Tradução nossa, originalmente: “Typically during such times, men decided to get right with God”. DORSETT, Lyle W. **Serving God and country: United States military chaplains in World War II**. Penguin, 2012. p.57.

^XSNAPE, Michael. **God and the British soldier: Religion and the British army in the First and Second World Wars**. Routledge, 2007.

^{XI}Tradução nossa, originalmente: “Naturally, the eve of battle was a time in which religious sentiments often came to the fore. For many Roman Catholics, it was a time for confession and for Holy Communion.” SNAPE, Michael. **God and the British soldier: Religion and the British army in the First and Second World Wars**. Routledge, 2007.p. 45

^{XII}PIOVEZAN, *Op. Cit.*, p.59,

^{XIII}BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 (1966).

^{XIV}DURKHEIM, Émile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse: Le système totémique en Australie. Préface de Jean-Paul Willaime**. Puf, 2014.

^{XV}WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

^{XVI}BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 2009 (1967)

^{XVII}BERGER, *Op. Cit.*, p.16

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

^{xviii} KECKEISEN, D. B. **Missal Quotidiano: completo em latim/português com o próprio do Brasil**. Edição A. Oficinas tipográficas do Mosteiro de São Bento: Bahia, 1947. p.84.

^{xix} MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Grua, 2010. p.233

^{xx} A FEB foi enviada à Itália em diferentes escalões ao longo de 1944 e 1945, o que significava que os soldados brasileiros se encontravam em contextos variados de atuação e experiências de combate. Nesse sentido, para os soldados que partiram nos 2º e 3º escalões, em 22 de setembro de 1944, a batalha no Monte Castelo representou uma de suas primeiras experiências de combate. Já aqueles que haviam integrado o 1º escalão, enviado em 2 de julho de 1944, enfrentaram o seu batismo de fogo antes dessa data. MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Imprensa no Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, 2ª edição.

^{xxi} SCHNEIDER, Jacob Emílio. **Vivência de um ex-capelão da FEB**. Edições Rosário, 1983. p. 54.

^{xxii} MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.236

^{xxiii} Segundo o capelão Jacob Schneider foram mais de 150 baixas. SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 55

^{xxiv} SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.67

^{xxv} BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Civilização Brasileira, 1968. p. 301-302

^{xxvi} MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 2, 2001. p.154.

^{xxvii} MOTTA, *Op. Cit.*, p.286.

^{xxviii} PIOVEZAN, *Op. Cit.*, p.157.

^{xxix} **BBC BRASIL**. A carta de Natal. *BBC Brasil*, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43389816>. Acesso em outubro de 2024,

^{xxx} **BBC BRASIL**, *Op. Cit.*

^{xxxi} **BBC BRASIL**, *Op. Cit.*

^{xxxii} **BBC BRASIL**, *Op. Cit.*

^{xxxiii} Relatório das atividades do Pe. Francisco Amarílio, dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

^{xxxiv} Relatório das atividades do Pe. Francisco Amarílio, dezembro de 1944, *Op. Cit.*

^{xxxv} Relatório do capelão Pe. Noé Pereira, referente ao mês de dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da Q.G., Cia do Q.G., 9º B.E., 1º B.S., Dep. Pessoal, 16th. Evacuation Hospital, 7 station hospital. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

^{xxxvi} Relatório das atividades de Frei Orlando. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

^{xxxvii} Relatório das atividades do Pastor Juvenal Ernesto da Silva. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

^{xxxviii} O esforço simbólico dos capelães da FEB estava intrinsecamente ligado à sua proximidade com os soldados, expressa não apenas na condução de práticas religiosas, mas também no cuidado com as necessidades materiais e emocionais das tropas. Relatórios e correspondências revelam como os capelães assumiam um papel multifacetado, sendo frequentemente procurados para interceder em questões práticas, como melhorias no serviço de correspondência ou no fornecimento de jornais e revistas. Essa atenção cotidiana, somada à atuação pastoral, reforçou a relação de confiança entre capelães e combatentes. Adriane Piovezan (2014, *Op. Cit.*) observa que, durante a Segunda Guerra Mundial, a figura do capelão ganhou uma proximidade inédita com os soldados, configurando o que a autora chama de “religião emergencial das trincheiras”, uma relação que oferecia apoio imediato e integral em um contexto de extrema vulnerabilidade.

^{xxxix} Relatório das atividades do Pe. João Barbalho. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

^{xl} BRITO, Padre. **Eu fui capelão da FEB**. Rio Grande do Sul: Juventus Ltda, 1947, p. 152-153.

^{xli} **BBC BRASIL**, *Op. Cit.*

^{xlii} **BBC BRASIL**, *Op. Cit.*

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

^{XLIII}Relatório das atividades do Pe. Hipólito de Almeida Pedrosa. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

^{XLIV}LIMA, Rogério de Carvalho. **Capelães da FEB: A participação histórica da capelania militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. (1944-1945)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2021. p.117

^{XLV}SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas: Diário de um Pracinha**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963. p.93

^{XLVI}DOURADO, J. J. **Estou Ferido; Homens que lutaram; E a Guerra Acabou**. Fortaleza, 1972. p. 82-83.

^{XLVII}BRITO, *Op. Cit.*, p. 152-153.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRITO, Padre Jorge. **Eu fui capelão da FEB**. Rio Grande do Sul: Juventus Ltda, 1947.

DE AZEVEDO, Thales. **Catholicism in Brazil: a personal evaluation**. Thought: Fordham University Quarterly, v. 28, n. 2, p. 253-274, 1953.

DORSETT, Lyle W. **Serving God and Country: United States Military Chaplains in World War II**. Penguin, 2012.

DOURADO, J. J. **Estou Ferido; Homens que lutaram; E a Guerra Acabou**. Fortaleza, 1972.

DURKHEIM, Émile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse: Le système totémique en Australie**. Préface de Jean-Paul Willaime. Paris: PUF, 2014.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: Primeira época, Período colonial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23, p. 261-279, 2008.

PALHARES, Gentil. **Frei Orlando: O capelão que não voltou**. Editoras Associadas do Brasil, 1969.

PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)**. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1968.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas: Diário de um Pracinha**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963.

O PRÍNCIPE DA PAZ NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA: CELEBRAÇÃO E
RELIGIOSIDADE NO NATAL DE 1944 ENTRE OS SOLDADOS DA FEB

DIAS, A. A. G.

SNAPE, Michael. **God and the British Soldier: Religion and the British Army in the First and Second World Wars.** Routledge, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Tradução de Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Fontes

Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro